

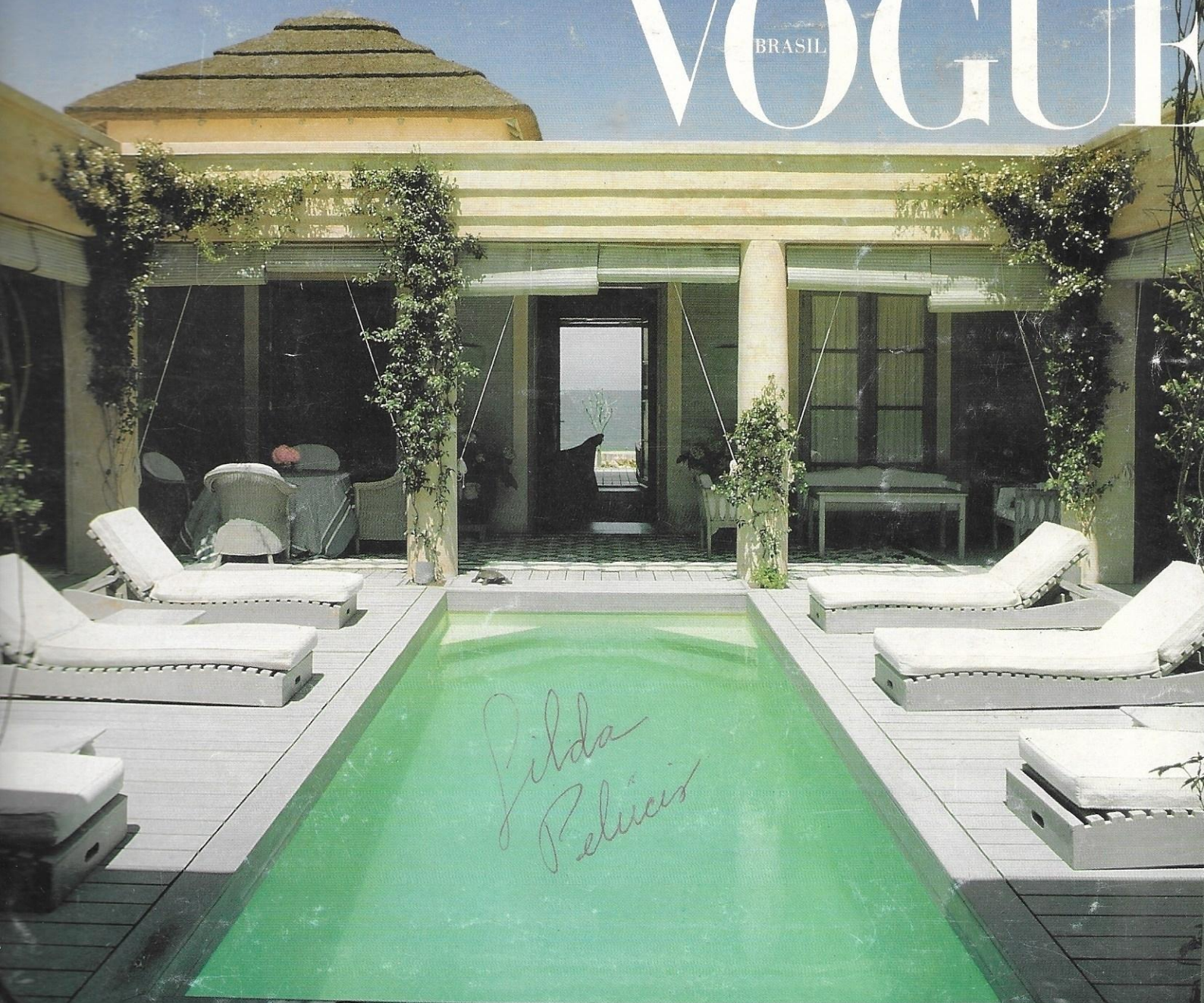
# CASA

## VOGUE

BRASIL

17 - Nº 1 - Cr\$ 130.000

ESPECIAL COZINHA  
MÓVEL E GRANDES CH



## SABOR DE MAR

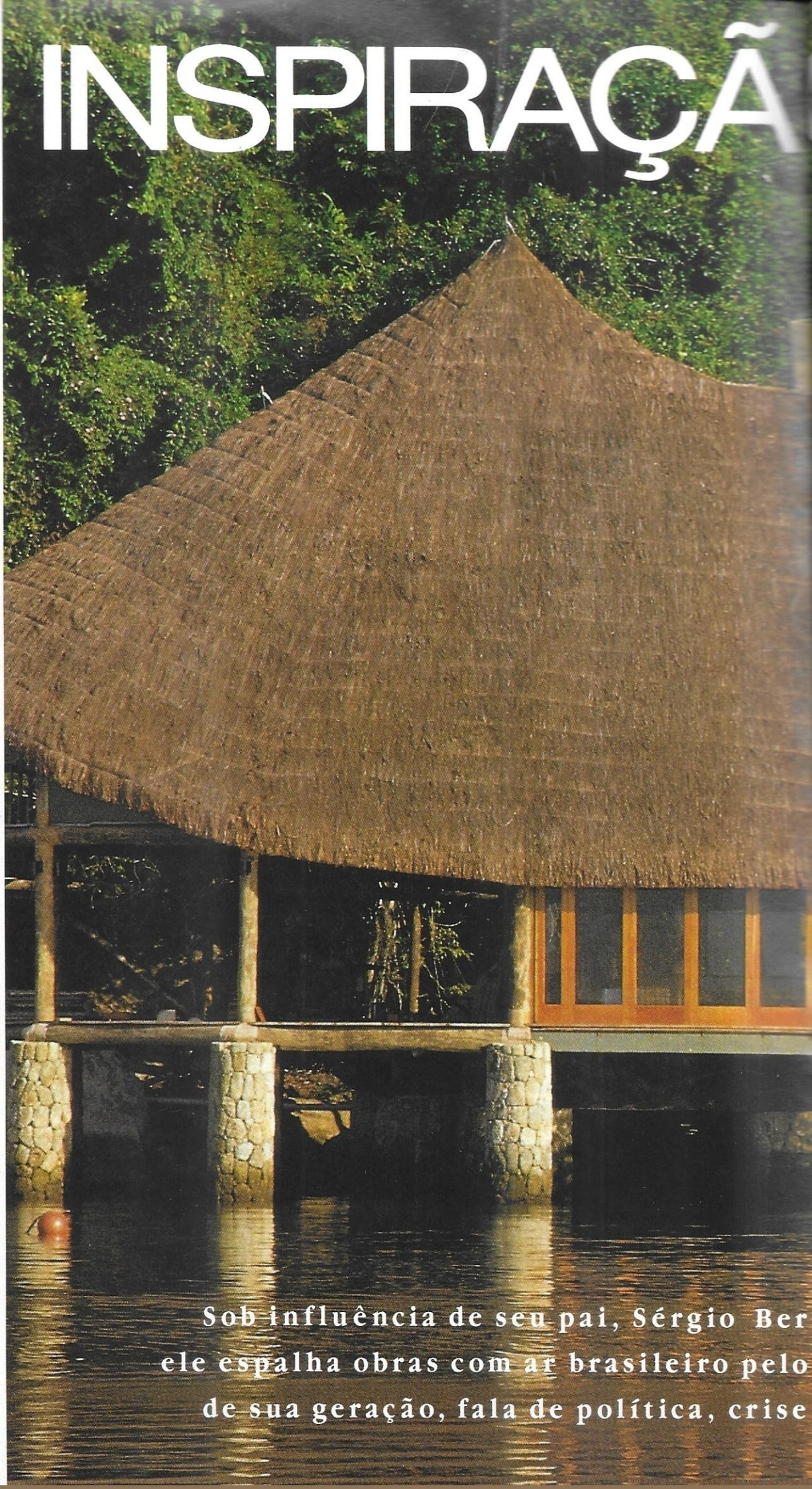
O Melhor de Punta Del Este. A Arte Abstrata de Boi

Arquiteto: Cláudio Bernardes

Nostalgia: Copacabana e Guarujá



# INSPIRAÇÃO



Sob influência de seu pai, Sérgio Ber  
ele espalha obras com ar brasileiro pelo  
de sua geração, fala de política, crise

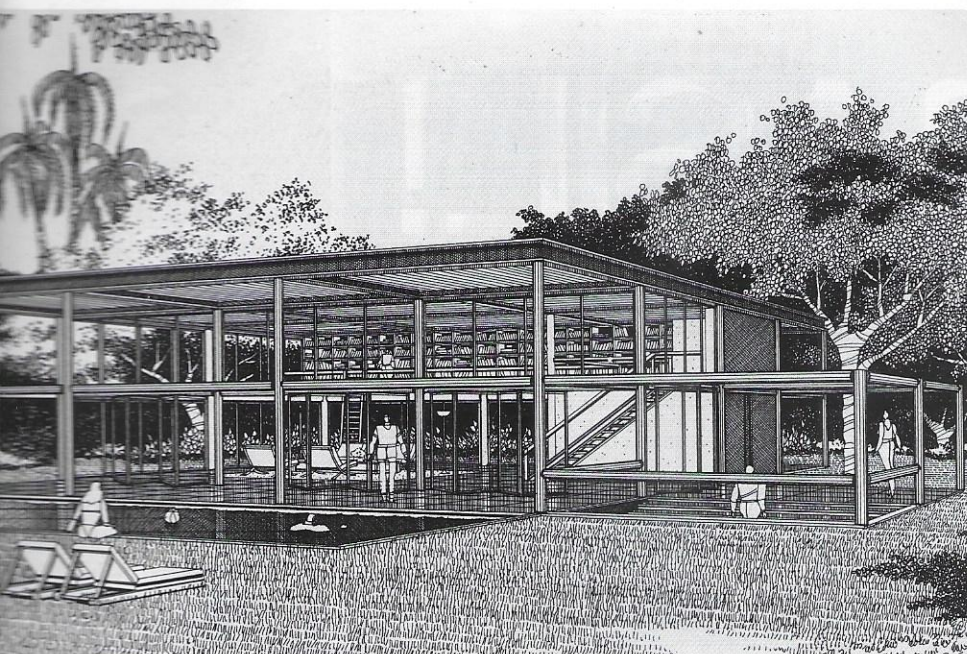


# O... BRASIL!

A esquerda, detalhe da coluna no *living* da casa de Cláudio Bernardes. No centro, projeto na Ilha do Cavaco, em Angra dos Reis, 1992, com telhado em palha. À direita, detalhe do caminho que leva ao mar.

ardes, e usando materiais naturais,  
país. Um dos mais brilhantes arquitetos  
e planos. Par Hiluz-Del Priore. Fotos Nana de Moraes





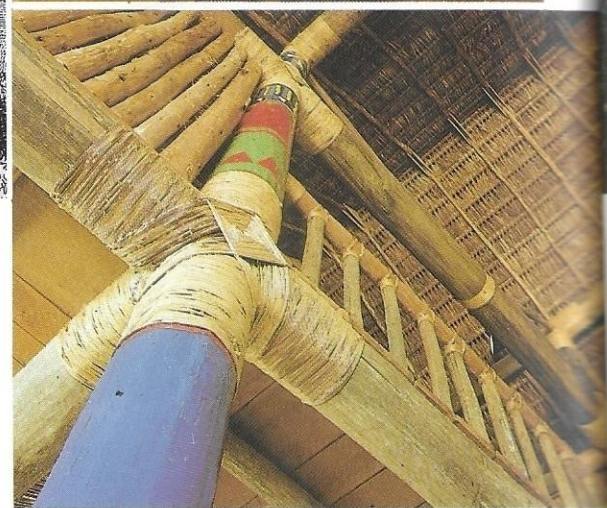
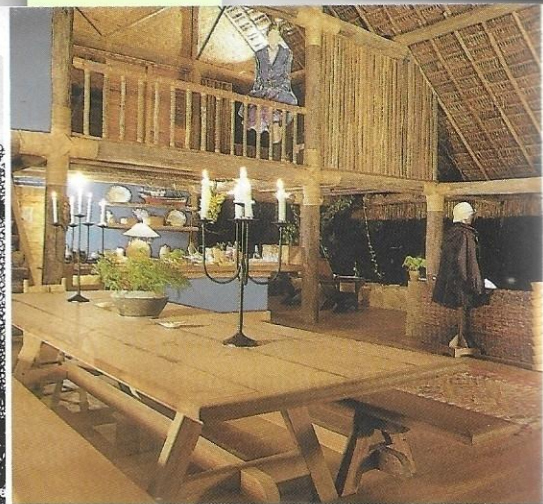
**C**LÁUDIO BERNARDES, 43 anos, carioca, arquiteto, decorador e *designer*, considerado um dos mais brilhantes profissionais da sua geração, não esperou o destino, simplesmente construiu seu sonho, uma casa numa das ilhas mais bonitas de Angra. Ele definitivamente não acredita na máxima “nenhum homem é uma ilha...”. Num domingo de verão e muito sol, olhando o mar de sua casa quase sem portas — “agora fui botando algumas portas para os ventos do inverno” —, Cláudio afirma várias certezas: “Aqui é o meu lugar. Supostamente aqui na ilha consigo me isolar...”. Enquanto isso, os amigos vão chegando, uns para almoço, outros só para caipirinhas e um papo rápido, sem contar com os que estão hospedados, mais o bando de adolescentes, amigos dos filhos Cláudio (19), Thiago (18) e Antonia (16). Nesse domingo uns dez ou doze.



Bebel, com sabedoria de anos “de praia” e vinte de casamento com Cláudio, organiza tudo com tranqüilidade. O café da manhã é tarde e para todos os estilos. Lá pelas duas horas as caipirinhas, as cervejas, para quem chegar. No final da tarde, o almoço, na mesa enorme e comprida com todos (todos mesmo) sentados, rola gostoso e tranqüilo. O arroz de mexilhões, pegos ali, logo atrás da casa, o vinho branco... Quem chegar chegou. Quem não gostar não volta. Todos voltam. Todos são amigos.

Cláudio Bernardes sorri com seu jeito meigo e largo de falar: “É ... enquanto as pessoas estão se fechando, se ‘engradando’, eu estou tentando me abrir”.

A casa da ilha é realmente um projeto especial de Cláudio e já foi publicada em *Vogue*, na *Architecture Digest* e em várias revistas especializadas. Entre o projeto e hoje, são seis anos de construção. Há quatro está “quase” pronta — a casa foi concebida em maquete, e com a ajuda de um mestre de obras foi virando realidade. Um espaço único com estruturas de madeira bruta, amarrações de fibra, o telhado de palha, jiraus para quartos e ba-



Nesta página, no alto, à esquerda, desenho da casa de Walter Salles Júnior, feito por Carlos Bernardes. À direita, a comprida mesa da sala de jantar e detalhe do amarramento das colunas, na casa da ilha. Embaixo, Cláudio com seu “guru”, o pai, Sérgio Bernardes; a vista da casa e, ao lado, outro projeto de Cláudio, o Hotel das Toninhas, em Ubatuba. Na outra página, em cima, a cabana com ala dos “meninos” e “meninas” que hospeda os amigos dos filhos. Embaixo, à esquerda, a casa do Porto do Frade e outro exemplo em Angra mostram a preferência do arquiteto pelos materiais brasileiros: madeira, piaçaba e bambu.







## “Enquanto as pessoas se fecham, estou tentando me abrir”.

nheiros e paredes em azul muito vivo. Ao lado da casa grande, onde era a original casa de pescador, uma cabana com alados “meninos” e ala das “meninas”, para os felizardos amigos de Olívia, Thiago e Antonia.

Também em maquete foi seu primeiro projeto aos 17 anos: “Na realidade foi exatamente a minha primeira casa, na Estrada das Canoas. O meu mestre de obra ia me ajudando a construir. Fiz tudo que queria numa sala e quarto... piscina interna, teto conversível que se abria. Mas, de repente, nas portas não tinha vidro, porque eu simplesmente não tinha dinheiro para comprar. As crianças nasceram lá. A gente ia criando os espaços para elas”

**Nasce um arquiteto.** Diz a lenda — e é verdade — que Cláudio não tem diploma: “A OAB já quis me dar, mas nunca me procuraram de novo, e ficou por isso mesmo”. A faculdade foi deixada no quarto ano, depois de uma briga com um professor de artes plásticas de quem nem se lembra o nome.

Hoje no escritório da Vila Maurina — em três meses funcionará na Barra, num espaço construído ao estilo Cláudio Bernardes, com telhado de palha, lago na frente — são quarenta funcionários, entre arquitetos, estagiários e a turma da informática.

“Sou um eterno estudante”, diz Cláudio. “Influência de meu pai. Eu adoro ser filho dele. Problemas? Nenhum. É muito melhor ser filho de Sérgio Bernardes do que de outra pessoa qualquer. Ele me ensinou muita coisa. Ensinou-me basicamente que a arquitetura vem do interior para o exterior. Quando eu tinha 14 anos, tive 0,4 de média numa matéria, minha mãe mandou: ‘Converse com seu pai’. Ele me olhou e disse: ‘Você não nasceu para nada disso. Você nasceu arquiteto’. Deu-me uma folha de papel milimetrado, onde até hoje eu desenho e foi me ensinando e contando coisas. Trabalhei com ele durante um ano, depois mandou eu seguir a *minha* viagem”.

Confessa que não foi muito difícil o caminho. Por um simples motivo; adora o

que faz. Hoje, com 23 anos de profissão, Cláudio tem mais uma folha em branco em cima da mesa: é o seu projeto nº 778. Vinte por cento deste número estão em Angra dos Reis, seu paraíso, lugar onde passa ou pelo menos deseja passar a maior parte do seu tempo. O resto está espalhado pelo Rio, São Paulo, Bahia, Recife, Búzios, Montecarlo e Vitória com o Centro Krajcberg, um espaço cultural de 7.000 m<sup>2</sup>, com estrutura em aço inox para não competir com o trabalho do artista. Deve estar pronto em dois anos se políticos e orçamentos permitirem.

Nos projetos urbanos ou nos ecológicos, a tranquilidade e o amor aos materiais naturais, a pesquisa da terra, estão presentes, mas sem abrir mão da tecnologia. Dois trabalhos que gosta muito, no Rio: a casa de Walinho Moreira Salles, num módulo praticamente único, e a casa de Luiz de Freitas, na Barra. Mas se a paixão é sempre o último projeto, ou o próximo, talvez uma casa em Angra, no Porto Frade, toda colorida em (Continua na página 104)

